

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Cientificismo no debate italiano sobre a emigração para o Brasil

Núncia Santoro de Constantino *

Resumo: Analisou-se relatos de viajantes italianos sobre o Brasil, publicados na última década do século XIX, quando os países sul-americanos disputavam imigrantes europeus. Da análise textual qualitativa do *corpus documental* organizado a partir de Lomonaco, Macola e Moriconi, emergem categorias conhecidas, como a pobreza dos imigrantes e as condições insalubres do país, com epidemias de febre amarela. Mas emergem também categorias referentes às cidades brasileiras, especialmente ao Rio de Janeiro, assim como aos brasileiros, fundamentadas no cientificismo do período. As inferências revelam sentidos latentes sugerindo que, além de partilharem códigos de pensamento, os autores apresentam características que justificam seus pontos de vista contrários à emigração para o Brasil.

Palavras-chaves: Imigração no Brasil, relato de viajantes italianos, cientificismo.

Abstract: This work analyses accounts of Italian travelers about Brazil. These accounts were published in the last decade of the 19th century. In this period the dispute between South-American countries over European immigrants was intense. Three well-known categories emerge, such as the immigrants' poverty and the insalubrious conditions of the country through the qualitative textual analyses of the *corpus* of documents. This *corpus* was organized based on Lomonaco, Macola and Moriconi. But others categories related to Brazilian cities, especially Rio de Janeiro also emerge, as well to Brazilians, which were based on the scientificism of the period. The inferences reveal obscure meanings, which imply, besides sharing the same codes of thoughts, the authors present characteristics that justify their points of view against the emigration to Brazil.

Keywords: Immigration in Brazil, accounts of Italian travelers, scientificism.

No amplo debate que acompanhou a emigração italiana em massa, nas duas últimas décadas do século XIX, a palavra impressa de jornalistas ou *publicistas* italianos alcança razoável repercussão contrária ao Brasil. Os textos de Alfonso Lomonaco, Ferruccio Macola e Ubaldo Moriconi são conhecidos e utilizados como fontes históricas; publicaram livros respectivamente em 1889, 1894 e 1897. Da análise de conteúdo do *corpus documental* constituído por suas obras, emergem duas categorias:- características do Rio de Janeiro; - os usos e costumes dos brasileiros. Destas categorias trato no presente artigo, lendo no sentido manifesto e no latente.

A cidade do Rio de Janeiro é o cartão postal do Brasil e a beleza da baía de Guanabara foi exaustivamente elogiada. Edmondo de Amicis tratou de descrevê-la, em páginas que alcançaram milhões de leitores. Não foi o primeiro nem seria o último viajante

* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Doutora em História Social-USP; Bolsita Produtividade em Pesquisa 2-CNPq

italiano a revelar-se extasiado diante da baía, mas foi referência entre patrícios, emocionados pela sua descrição em *Sull'Oceano*, livro lançado em 1886. (DE AMICIS, 1889). Muitos viajantes italianos, como Ernesto Rossi, Palma de Cesnola, Graffagni, Sandri ou Enrico Serra também despenderam esforços e obtiveram diferentes resultados, traduzindo a impressionante paisagem. Nos seus relatos utilizam a metáfora do encanto para descrever a baía como lugar encantador, capaz de exercer fascínio e atrair viajantes, capaz também de enganá-los.

Bem explícito é o Conde Ferruccio Macola:

“... disseram e é verdade que a chegada no Rio de Janeiro é o espetáculo mais belo do mundo; [...] acontece que, às vezes, no baile de máscaras, descobre-se embaixo do belo corpete de talhe elegante, do pequeno e bem calçado pé, dos macios cabelos e dos olhos negros, entre outras coisas, um rosto envelhecido e uma careta como sorriso.” (MACOLA, 1884: 228-9)

E conclui afirmando que a mesma sensação de desgosto impõe-se ao estrangeiro quando coloca o pé em terra firme no Rio. Deixando a beleza para trás, Macola descreve a cidade em palavras pouco lisonjeiras, assim como descreve de forma negativa os brasileiros em geral. Extremamente ácidas são também as observações de Lomonaco, que considera o Rio uma “cidade pestilenta”, sem circulação de ar, com construções inadequadas ao clima. Ubaldo Moriconi é ainda mais impiedoso no livro que publicou em 1897: *Nel Paese de “macacchi*, título por demais sugestivo.

Muitas páginas são dedicadas por Lomonaco aos *deploráveis* costumes e ao que considera anomalias sociais do Brasil, destacando os hábitos alimentares. Conclui que, no país “[...]as manifestações da vida são mesquinhas e limitadas”, em decorrência do regime alimentar frugal e indigesto, acrescentando que poucos os estômagos poderiam tolerar a feijoada e o virado, mistura de feijão preto, cebola e banha de porco; discute também o hábito de proferir discursos em banquetes, que acabam com o bom humor e dificultam a digestão. Dentre muitas outras observações indignadas, o autor refere à promiscuidade sexual e à convivência doméstica entre filhos legítimos e ilegítimos, às vezes mulatos; refere-se também com frequência ao ócio, à inexistência de conversação inteligente. As mulheres não recebem de Lomonaco qualquer consideração; diz que são frequentemente desdentadas; exibindo elaboradas cabeleiras como se fossem bacantes saindo dos bosques; triste, monótona e indolente seriam suas vidas; cedo casavam e cedo envelheciam.

Moriconi tem a mesma opinião. Considera a mulher legítima brasileira uma pessoa inerte, além de qualificá-la como resignada, ociosa, apática, inconstante, superficial e mal-educada. Para ele, os cariocas em geral eram indolentes, apesar de afáveis e o Brasil era o campeão de títulos pomposos, com seus doutores, comendadores, condes e barões. Jornalista,

detém-se nos comentários sobre a imprensa brasileira que considera a mais virulenta do mundo.

O mau caráter dos brasileiros seria explicável pelo ambiente viciado, clima insalubre, sujeira das casas, corrupção de hábitos, má educação e indisciplina. Moriconi acredita na importância da alimentação para a formação do caráter e para o destino de um povo, esclarecendo que, com dentes mal conservados, os alimentos não são bem digeridos, o sangue produzido é de má qualidade, tudo isso influenciando no caráter dos brasileiros. Discorre sobre a ignorância em que eram mantidas as “classes pobres”, sobre o vício da embriaguez disseminado, sobre os costumes generalizados de gastar sempre além dos próprios meios e de jogar. Povo composto de *parvenus*, dos brasileiros seria próprio aparentar, imitando canhestamente tudo o que os outros povos fazem. Detém-se no assunto que parece melhor conhecer: a imprensa. No capítulo correspondente, é capaz de revelar excepcional veia cômica ao lembrar as seções dos jornais como indicadores do povo leitor. Descrevendo um “país de macacos”, também descreve um país de alienados, ressaltando a indiferença com que o regime republicano, recém estabelecido, fora recebido pelos brasileiros.

Os autores transitam pelo Brasil na década de 1880, às vésperas da abolição e quando a imigração já era fenômeno corrente. A população de imigrantes aumentava, metade do contingente dedicava-se à agricultura e a outra metade dedicava-se ao pequeno comércio, à manufatura ou a atividades menos prestigiadas, especialmente nas cidades. Somente no Rio havia cerca de 25 mil italianos, na maior parte naturais da Calábria, segundo registra Moriconi (1897: 399). Os primeiros tempos da república brasileira revelaram-se ainda mais atraentes para os que desejavam emigrar.

Antes que findasse o século XIX, a coletividade italiana no Rio era numerosa e representativa. Exigia maior atenção da diplomacia italiana, a refletir os interesses das elites, que variavam de acordo com as pressões dos setores econômicos. Mas é nos imigrantes pobres e maltratados que se detém os autores em discussão. Suas narrativas enfatizam a miséria, as epidemias, os maus tratos recebidos pelos imigrantes, as más condições de viagem, de hospedagem e de trabalho no Brasil. São autores reconhecidos pela virulência como atacam a emigração para o Brasil, refletindo fração do debate que se verificava na Itália sobre a imigração, onde a corrente favorável, entretanto, sempre obteve maiores vantagens.

A plena liberdade de emigrar ou de fazer emigrar, foi ratificada pela classe dirigente italiana com a lei de 1888. Até 1901 seria a única norma a reger a emigração; naquele ano houve a promulgação de outra lei que pretendia regulamentar a atividade dos agentes, criando o Comissariado da Emigração. Tal liberdade continuou vigorando e o

governo limitou-se a duas breves suspensões da saída de emigrantes para o Brasil, em decorrência da epidemia de febre amarela entre março de 1889 e julho de 1891; de setembro de 1893 a maio de 94, em consequência da guerra civil no Rio Grande do Sul. Só em 1902 a imigração subsidiada seria proibida pelo chamado decreto Prinetti, justamente no período em que os Estados Unidos demonstravam poder absorver grandes quotas da mão-de-obra italiana. A partir daí a emigração para o Brasil sofreria uma sensível queda, coincidindo com a crise da superprodução de café (CONSTANTINO,2005:25-6)

É neste contexto imigratório que se inserem Lomonaco, Macola e Moriconi, quando dá-se um rápido aumento do número de italianos no Rio de Janeiro, além de diversificar-se a composição étnica e ocupacional da população. Shalhoub (1986:35-43) afirma que a marginalização dos trabalhadores negros ocorreu, em parte, porque os imigrantes ocuparam postos de trabalho nos setores mais dinâmicos.

A mão-de-obra especializada tornava-se premente diante da transformação urbana que se verificava. O surto de empresas imobiliárias, por exemplo, reforçava a evidência do crescimento acelerado da cidade pelo número de edificações. (DIÉGUES JUNIOR,1964:198). No início do século XX, percebe-se que a situação da “colônia italiana” transformara-se, com a paulatina inserção social de imigrantes.

As três províncias meridionais e o Espírito Santo além de São Paulo, também atraíam imigrantes para áreas desocupadas; Petrone aponta, como objetivo das elites locais, o estabelecimento de um “campesinato” nos moldes europeus, para a formação de uma classe média. Acredita a autora que, enviados para diferentes áreas e para funções distintas, “... a experiência do imigrante foi diferente, sucessos e insucessos têm outros fundamentos”. (PETRONE,1987: 102-103).

Tais diferenças não seriam levadas em conta pelos autores italianos analisados, pois seus textos têm precisas motivações; suas lentes têm filtros particulares de observação que influenciam narrativas.

No prefácio de sua publicação, o Doutor Lomonaco trata de apresentá-la como resultante de notas, lembranças e impressões de viagem, de pesquisa histórica, etc., realizados durante a sua permanência no Brasil. Esclarece ter procurado dar uma idéia das características mais salientes da sociedade brasileira. Através do seu texto pode-se inferir que possuía razoáveis conhecimentos do país, onde teria exercido atividades na imprensa, pelo seu recorrente interesse por assuntos a ela relacionados. Por outro lado, o título de doutor, na capa

da publicação, remete à medicina; à leitura da obra infere-se que Lomonaco tem conhecimentos médicos, sobretudo no que diz respeito à higiene e à nutrição.

Cattarulla (1992: 442) assinala que o autor, ao afirmar ser desonesto e antipatriótico recomendar a imigração para o Brasil, acredita que esta imigração nada mais seria do que a substituição da mão-de-obra escrava, pois viveu no país nos últimos anos da escravidão.

Lomonaco distingue três categorias de imigração, mas fixa-se naquela que considera inferior, formada por indivíduos sem capital e sem ocupação fixa; seriam chamados pelos brasileiros *carcamanos*, expressão que refere à condição degradante. Haveria no Brasil graves preconceitos contra os italianos, considerados seres inferiores, desempenhando humildes atividades que até mesmo os negros rejeitavam. Conclui que a influência do meio brasileiro seria perniciosa à índole do imigrante italiano.

Do Conde Ferruccio Macola, sabe-se que nasceu no Vêneto, foi jornalista e político. Publicou vários livros entre 1884 e 1894 e, antes disso, viajou para o Brasil, já na condição de deputado, a fim de estudar possibilidades à imigração (CHI È? DIZIONARIO DEGLI ITALIANI D'OGGI, 1907).

Macola critica de forma contundente os governos italiano e brasileiro; admite a imigração, mas pretende que seja efetivamente organizada. Cattarulla (1992: 546) aponta como característica deste autor a ênfase nas acusações ao governo italiano, considerado incapaz de organizar a emigração, desperdiçando chances para uma futura expansão econômica.

Ubaldo Moriconi esclarece que, em 1889, havia viajado no navio *Orénoque*, de Buenos Aires ao Rio de Janeiro. Cattarulla (1992: 556) cita outra obra deste autor, cujo título dá indicações: *Da Genova ai deserti dei Mayas: ricordi di un viaggio commerciale*. A viagem comercial, então, estava sendo a alternativa encontrada para substituir o fracassado expansionismo na África, estimulando o consumo de produtos italianos pelos imigrantes.

Moriconi permaneceu no Brasil durante alguns anos; menciona seu trabalho em “jornal de arte”, no Rio de Janeiro. A má impressão que levou consigo ao partir do país, certamente, foi influenciada por situações difíceis que precisou enfrentar. Além de perder, “uma pessoa querida”, durante a epidemia de febre amarela, em 1894, envolveu-se em graves polêmicas jornalísticas. Seguindo o gênero polêmico do jornalismo da época, atuou no Brasil em periódicos italianos e, através de suas páginas, travou memoráveis batalhas verbais. Interessado sobretudo na expansão do comércio italiano e buscando a contribuição dos imigrantes no consumo de mercadorias italianas, generaliza sobre as condições negativas do

Brasil à imigração, assim como aquelas da Argentina. Apresenta alternativas para o êxodo dos seus conterrâneos, ao recomendar a imigração para os países da América Central, onde poderiam ser abertos novos mercados. Sugere ainda que emigrassem representantes das camadas sociais médias e altas, para que fosse possível criar uma classe comercial e empresarial italiana fora da Itália. (CATTARULLA, 1992: p. 555).

Considerações

As condições insalubres do Rio de Janeiro foram enfatizadas pelos três viajantes, que descreveram a cidade no final século XIX. Mas, a par deste conteúdo manifesto, há um conteúdo latente no realce dado a aspectos negativos. Além de esboçarem caprichosamente uma cidade “pestilenta”, onde o calor abrasa e a umidade sufoca, comentam a escassez de equipamentos urbanos e de espaços “civilizados” para as sociabilidades públicas, ironizando o que seria uma deficiente vida cultural.

No Rio de Janeiro transitam os brasileiros, porque ali está a vitrine do Brasil. São ignorantes, jogadores costumeiros, imorais, preguiçosos, promíscuos, corruptos, vaidosos, irresponsáveis, perdulários e, ademais, alimentam-se de modo deplorável. Suas mulheres são ainda mais ignorantes, além de indolentes, gulosas, desdentadas, mal vestidas, incompetentes como donas de casa e mães, além de tocarem sofrivelmente o piano.

Como a maioria dos viajantes que descreveram o Rio, manifestam má impressão sobre o Centro da cidade, com ruas estreitas, imundas e casas amontoadas, abafadas, ainda que reconhecessem a salubridade dos subúrbios que, de alguma forma, alinhavam-se às concepções higienistas e estéticas em vigor. Omitem que a cidade vinha recebendo melhoramentos que atendiam a essa retórica da higiene, ainda que o imaginário da cidade italiana também se apresentasse bem distante da realidade, como no Brasil.

O número crescente de visitantes italianos no Brasil correspondia à uma nova fase de expansão colonialista que Surdich estuda. Considera Paul Leroy Beaulieu como o teórico deste colonialismo, tendo definido diferentes classes de população; onde houvesse a *civilização ocidental* estariam populações consideradas de classe superior, em decorrência da raça e do clima, inclusive com direito de intervenção nas regiões pouco habitadas à “civilização”. Beaulieu encontraria inúmeros seguidores na Itália, como Gustavo Chiesi. (SURDICH: 1980).

Sobre doutrinas como justificativa para o colonialismo ou sobre discursos raciais, como via transversa para conquistar territórios, Todorov acrescenta. Afirma que as idéias

funcionam como forças, tornando possíveis determinadas ações. Discorre sobre o etnocentrismo, lembrando que um dos seus ideólogos foi Joseph-Marie de Gérando, que publicou em 1800, como membro da *Société des Observateurs de l'Homme*, criada para estimular a ação de viajantes em países distantes. Por outro lado, o *universalismo* defendido por Fontenelle, Montesquieu e Rousseau gerava o perigoso cientificismo e, em consequência, a doutrina racista (TODOROV, 1991: 12-18). Os expoentes do racismo foram Renan e Gobineau, que definiu uma hierarquização de raças, tendo por base os critérios da força física, da capacidade intelectual e da beleza absoluta, sendo que a raça branca possuiria, já na origem, essas três características. (TODOROV, 1991: 134-153).

Os autores estão impregnados do pensamento racista que permeava a sociedade italiana, como elemento de um *espírito clássico*, na expressão de Todorov, ou do conceito de um *dispositivo*, definido por Foucault (1993:244-255). Era o tempo em que se desenvolvia a antropologia italiana, sobretudo com Mantegazza e Giglioli Hullyer, este considerado o grande representante do positivismo e do darwinismo no país. Era também o tempo em que Nicéforo e Lombroso representavam este cientificismo que hierarquizava raças.

Naqueles últimos anos do século XIX; os jornalistas-viajantes, representantes das camadas sociais superiores, partilham códigos de pensamento que apontam para elementos essenciais no âmbito do mental coletivo. Em descrições que ridicularizam o Brasil e os brasileiros, considerados representantes de uma raça inferior, narram um país do mal e dos maus, para onde os italianos não devem emigrar.

Referências Bibliográficas:

- CATTARULLA, Camilla. “Alla riscoperta del nuovo mondo: Bibliografia dei viaggiatori italiani in America Latina (1870-1914). *Biblioteche Oggi*, n.4-5, 1992.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. “ Os males e os maus: desvãos de textos sobre a emigração italiana para o Brasil”. In: *Métis: história & cultura.Universidade de caxias do Sul*. V.1.n.1. Caxias do Sul RS: EDUCS, 2005.
- CHI È? DIZIONARIO DEGLI ITALIANI D’OGGI. Roma: Formiggini, 1907.
- DE AMICIS, Edmondo. *Sull’Oceano*. Milano: Treves, 1889.
- DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Imigração, Urbanização e Industrialização*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/MEC, 1964.

- FOUCAULT, Michel. *Microfisica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- LOMONACO, Dott. Alfonso. *Al Brasile*. Milano: Società Editrice Libreria, 1889.
- MACOLA, Ferruccio. *L'Europa alla conquista dell'America Latina*. Venezia: Ferdinando Ongania Editore, 1894.
- MORICONI, Ubaldo. *Nel Paese de "macacchi"*. Torino: Roux Frassati e Co. Editori, 1897.
- PETRONE, Maria Thereza. "O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo". In: DE BONI, Luís A. Org. *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.
- SURDICH, Francesco. *Esplorazione geografiche e sviluppo del colonialismo nell'età della rivoluzione industriale: fasi e caratteristiche dell'espansione coloniale*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1980
- TODOROV, Tzvetan. *Noi e gli altri: la riflessione francese sulla diversità umana*. Torino: Einaudi, 1991